

2029 120
E C L O G A
P A S T O R I L

D E

A G R A R I O ,
A N F R I Z O ,

E

B R A Z .

COMPOSTA POR

JOÃO XAVIER DE MATTOS.



L I S B O A ,

Na Officina de FRANCISCO BORGES DE SOUSA.

Anno de MDCCLXXXIX.

Com licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame, e
Censura dos Livros.

M

ESTABLISHED
PASTORAL

AGRICULTURE
ARTS

OF THE
CITY OF
NEW YORK

1850
PUBLISHED BY
J. B. BROWN



ECLOGA PASTORIL.



QUAZI de todo nos faltava o dia,
Mas inda a noite duvidoza estava,
E o vento, já mais brando, parecia
Que ás folhas em segredo o perguntava;
Sobre as praias o mar adormecia,
A sentilar o Cco principiava;
E apenas se diviza no Orizonte,
Se he plano o Valle, se empinado o Monte.

A ii

Entra-

Entrava o passarinho acautellado
 Pela confusa balsa, onde se aninha;
 O Pastor mansamente leva o Gado
 Ainda mastigando a branda ervinha:
 Já, descantando o luzidio arado,
 Para a Choupana o Lavrador caminha,
 E o vagaroso Boi remoendo o Pasto,
 Leva o duro pescoço já mais gasto.

Só no meio de hum Monte solitario,
 Abundante de relva os mais dos mezes,
 Esquecido ficava o triste Agrario,
 Sem levar ao curral as manhas rezes:
 Pastor queixozo de hum destino vario
 Com que amor o ferio bastantes vezes;
 Mas como para Agrario nunca he dia,
 Era já de noite, e não lho parecia.

Naõ achia allivio, que o pezar lhe abrande;
 E entregue mudamente ao seu desgosto,
 Assim como quem pensa em cazo grande,
 Ora levanta, e ora abaixa o rosto:
 Vai se lhe o Gado sem Pastor que o mande;
 Aos pés caindo o curvado encosto;
 E as mãos (*com que tambem a dôr explica.*)
 Põe debaixo dos braços, e assim fica.

Pela encosta do Monte, casualmente,
 (*Ambos c'o a lenha às costas no cajado*)
 Vinha descendo Braz, velho, e prudente,
 Com Anfrizo, ainda mollo, e namorado:

Ouvem queixar-se Agrario de repente,
Sem saberem quem era o magoado,
E em quanto hum delles busca a voz que ouvia,
Lamentando se Agrario, assim dizia.

Agrario. Pastora desleal, em cujo rosto
Quiz animar o Ceo tanta belleza,
Quiz esconder amor tanto desgosto.

Braz. Tu não ouves, Anfrizo; desta parte
Huma voz de pessoa magoada?

Anfrizo. O' como he triste! O coração me parte!
Para a ouvir tiremo-nos da estrada.

Braz. Vamos, que sãa aqui para o teu lado
A voz piedosa, que ao depois ouviste;
E detraz desse milho semeado
Veremos de quem he queixa tão triste.

Anfrizo. Passa tu devagar para diante,
E não vamos de rijo conversando,
Que já não pôde ler muito distante
O lugar, donde as vozes vem soando.

Que sentes, que te vejo ir vagarozo?
Já conheces quem he, cu pódes vello?
Apósto que he Pastor este queixozo?
Dize, que já estou morto por sabello?

Braz.

Braz. Lá vejo hum vulto de homem levantado ;
Mas já não posso bem ver-lhe o semblante ,
Sózinho está fallando ; e o seu cuidado
Nascer parece de algum cazo amante.

E cuido (*enganar-me-hei*) que pela altura ,
Pela voz , e Pastora que nemêa ,
Quem se queixa de tanta desventura ,
He Agrario , Pastor da nossa Aldêa.

Anfrizo. Agora vejo ! O mesmo me parece ;
Porque depois que Altêa está distante ,
Quando se falla nella , se intristeece ,
Sem poder distarçado no semblante.

Nisto tem reparado os mais Pastores ,
E a mim n'algumas vezes em que o via ,
Nunca me quiz fallar nos seus amotes ,
Como quem de eu tabellos se affligia.

Mas pareceo-me agora , que tornava
O Pastor a queixar-se pezarozo.

Braz. Anfrizo dizes bem ; não reparava :
Oiqamos o que diz , que he lastimozo.

Agrario. Sabe , que de meus males a grandeza ,
Lá onde quer que estás farei notoria ,
Porque nem reste ao amor esta fineza :

A todos contarei a minha historia ;
Pois já que eu perco o bem da tua vista ,
Não percas tu do meu pezar a gloria :

Eu

Eu farei que a minha alma lá te assista
 Em fé de meus purísimos amores,
 Por mais que o teu desprezo lhe rezista :

Ouvir-se-haõ neste Valle os meus clamores,
 Em quanto me durar á vida breve,
 Que tem feito mais os teus rigores :

Morrer por ti, será fineza leve ;
 Quem perdendo-te, em fim, não perde a vida,
 Ainda a muito mais, e a mais se atreve :

A tua voluntaria despedida,
 Por mais que amor me leve a estranhos lares,
 Não poderá já ser esquecida :

Tal he a sem razãõ de me deixares ;
 Que inda tornando a ver-te (o que não creio)
 Se não diminuiriaõ meus pezares :

Té me parece o Gado magro, e feio ;
 E o Campo que contigo florescia,
 Já me não serve aos olhos de reccio :

A Fonte, que tal vez adormecia
 Ao som da minha Frauta ; hoje desperta
 Aos ais que dou em mizera agonia :

Para o curral o Gado não acerta,
 Dormindo pelos Montes : E suspeito,
 Que tudo de me ver se desconceita :

Inda a mais chegarei por teu respeito ;
 Que amor não guardará tiranno estado ,
 (*Sê acazo o tem pior*) para outro peço :

Mas se está ; em que eu finta o dezagrado
 Da tua condiçãõ (*formosa Altéa*)
 O ser eu venturozo , ou desgraçado :

Torna a fazer alegre a nossa Aldéa ;
 Humã alma a consolar , de quem és Senhora ;
 Veja-te antes ingrata , do que alhéa :

Não tenho , de que sejas possuidora ,
 Outra coiza melhor hoje te offereça ;
 Mas não faz pouco quem sem premio adora :

E bem que não divina te conheça ;
 Se te não merecer quem mais te estima ,
 Adonde irás buscar quem te mereça ?

Braz. Lá se deixou ficar outra vez mudado ;
 A muito tem chegado estes amores !
 Pois sempre o conheci mollo sezudo ,
 Mas isto , e mais succede ainda aos milhores.

Anfrizo. Se te parece ; Braz , daqui lhe fallo ,
 Que he Pastor bem criado , e nosso amigo ?
 Não será máo que vamos consolallo ;
 Porém , vai tu primeiro , que eu te sigo .

Braz.

Braz. Quem ama cegamente huma Pastora,
 Bem he que compaixão polla dever-te,
 E o mesmo cazo que elle sente agora,
 Ainda mal que bem pôde succeder-te.

Agrario. Dois vultos vem fallando de mansinho,
 Que farão por aqui? Serão Pastores,
 Que tal vez se perdessem do caminho:

E até para chorar os teus rigores,
 He possivel que eu finta descaminho?
 Pois ninguem ha de onvir os meus amores.

Braz. Guarde-te o Ceo, Pastor, elle te ajude;
 Mal sabes quanto sinto essa tristeza!
 Mas praza a Deos que o genio se te mude;
 Se he que pôde mudar-se a natureza:

Aqui me traz aqueixa do teu damno;
 E considero, vendo-o tão profundo,
 Que só pôde nascer daquelle engano,
 Que tantos desgraçados faz no Mundo.

Agrario. A' meu bom velho, que mal sabes, quanto
 De verte me' alegrei; e só me peza,
 Que participes de meus males tanto:

Outra vez, só me deixa por fineza;
 Que o mal que tirei sempre da alegria,
 Me faz gostar de tudo o que he tristeza:

Foge, fuge da minha companhia,
 Que servir-te não, não pôde, se não queres
 Que te pegue os achaques da agonia.

Anfrizo. Meu Agrario, aqui estou tambem contigo;
 Grande quinhão desse pezar me cabe;
 Eu tambem tenho amor, sou teu amigo;
 Quanto sinto o teu mal, só Deos o sabe:

Soffrendo estou continuas crueldades,
 Mil dias ha, tambem, de huma Pastora;
 O Mundo, chêo está de falsidades,
 Feliz quem as não sente, ou ignora!

Tambem tenho meus dias de tristeza,
 Nada me alegra, o Gado me enfastia,
 E tudo o que não he fallar a Andreza,
 Seja o que fór, me enfada, e me agonia:

Outras vezes encontro a Braz no Monte,
 Vê-me triste; já sabe o meu cuidado;
 Mil contos me repete ao pé da Fonte,
 Com que fico algum tanto consolado.

He Pastor a quem tenho meu respeito,
 Não he por elle estar aqui presente,
 A sua companhia, de proveito
 Tem servido na Aldêa a muita gente:

E como posso eu ser teu conselheiro.
 Adonde Braz está, e o seu bom dito?
 Pois sei, amigo Agrario, que primeiro
 Mais do que tu, conselhos necessito.

Agra-

Agrario. Que allivio me darás a tanta fragoa,
Que na mesma lembrança do que peno,
O não converta amor em pura magoa?

Fazer com que meu mal seja pequeno,
He o mesmo que afflito, em lugar de agoa
Querer matar a sede com veneno.

Braz. Da-me parte do mal que o Ceo te manda,
Tudo a nossa amizade te merece;
Que o mal communicado lá se abrandá,
Porque, em fim, repartido se padece:

Não hias tu dizendo o teu tormento
Neste lugar dezerto aos matos brancos,
Que nunca ter poderao sentimento?
Pois mereço-te eu menos, que elles troncos?

Eu bem sei que sou rudo, mas sou velho;
Não ha maior ciencia do que a idade,
A's vezes vai o allivio no conselho,
Pouco val o discurso sem verdade:

Falle a todos o allivio tão precizo,
Que ao Boi mais bem criado afflige a carga;
E a simples Ovilhinha sem juizo,
Deixa ás vezes a erva que lhe amarga:

De lerdo não tens nada, és avizado,
Em fim, homem, que basta esta lembrança;
E buscas da razão tão descuidado,
Aquillo mesmo que te afflige, e cança?

B ii

Al.

Algun dia dirás (*ó Deos o mande*)
 Bem me dizia Braz, bem me dizia;
 Que sempre hum homem, por mais cego que ande,
 Cai na razaõ mais dia, menos dia:

Quem segura affeição no Mundo espera,
 Experiencia não tem deste trabalho;
 Buscar fé nas Pastoras de tal era,
 He querer que dê pinhas hum Carvalho:

Tu não viste ha dois dias praticado
 Isto mesmo em Albano, com Damiana;
 E por Fileno, sem razaõ deixado;
 Tal vez só porque tem melhor Cabana?

Quazi no mesmo tempo, o pobre Aleixo,
 Desprezo de Matilde, antes amores;
 (*Hum Moço certamente como hum Frexo*)
 Por Silverio, a deshonra dos Pastores?

E presumias tu, que era bastante
 Para ser firme Altéa, o ser Altéa?
 Por ventura, a mulher faz mais constante:
 Ser Gertrudes, Lucinda, ou Dorotéa?

Destes cazos ha mil nesta campina,
 Elles as glorias saõ que amor concede;
 E quando te faltasse esta doutrina,
 Bastava o que a ti mesmo te succede.

Agrario. Nisso tenho ha mil dias assentado,
Mas não tiro do meu conhecimento,
Mais que outra vez ficar no mesmo estado:

Porém que queres tu, se o pensamento
Por mais que n'outras coizas se mistura,
Lá vai sempre encontrar com o seu tormento?

Em quanto a Primavera der verdura,
O fogo der callor, o ar fór leve,
Me ha de lembrar de Altéa a formosura:

Inda, por menos clara, aquella neve
Que nas frias manhans cobre a campina,
Comparar-se com ella se não deve:

Da ver vermelha papoila a cõr mais fina,
Como angelicamente misturada,
Vive naquella face cristallina:

Sempre das mais Pastoras respeitada,
Foi por toda esta noíla vizinhança,
Adonde tantas vezes he chorada:

Cá d'alma finalmente, essa lembrança
Tirar-se-me não pôde; nem já agora
Esquecer-me tão áspera mudança:

O que mais me atromenta a toda a hera,
São aquellas promessas que fazia,
Aqui mesmo (exa-lá que assim não sera)

Tão amantes palavras me dizia;
Pondo os olhos em mim, de água errazados;
Que ao mais experimentado enganaria.

Huma tarde me lembra, que abrigados
Do Sol (que dava então grande quentura)
A' sombra dell'es Alamôs copados.

Depois de me eu queixar, da mal segura
Afeição deste Mundo, em que não cria;
Me disse então, fazendo-me esta jura:

Mais constante que a mesma penedia
Serei, Agrario meu, por mais que faça
Volta o tempo, mudanças a alegria:

Eu perca a sementeira da linhaça;
O Gado, a vida: Tudo me aconteça;
Antes que outro Pastor me caia em graça:

E para que mais credito mereça
Tanta fé; tanto amor, tanta verdade;
Em lagrimas meu rosto to encareça:

E chêi de honestissima piedade;
Qual a faudoza, e fresca madrugada;
Orvalhava do peito da castidade:

Tanto estimei aquella fé jurada;
Que se cumpridas taes palavras visses;
Que mais do Mundo queria? Nada:

Mas

Mas tudo, ingrata; agora contradille;
 E sou tal, que inda havia magoar-me,
 Se a mais pequena praga lhe calisse.

Cauza não teve, em fim, para deixar-me;
 E ver que lha não dei, nem levemente,
 He o que amor me dá para queixar-me.

Antes fóra huma historia impertinente,
 Pastores meus, se agora repetisse
 Finszas que por ella obrei contente.

Que com o Rio a ponte se se cobrisse;
 Que com a chêa o Campo se alagasse;
 Dia se não pallava que a não visse.

E por mais que Pastores encontrasse,
 Sem que alli visse a minha Altêa bella;
 Má hora que deste corpo te alegrasse.

A alegria era tal sómente emavella,
 Que ainda quando ao longe se parecia,
 Já de cá me hia rindo para ella.

Humas vezes cantando a divertia em mella
 Nas trovas que compunha aos meus amores,
 Com muita mais verdade, que armonia levellia.

Outras vezes, mais livre, de temores,
 Quando lá pelo Prado te levavas o cetro,
 O regaço lhe enchia de mil flores.

Então, a mais bonita lhe pregava tu, o meu
 Na caza do jubaõ, e cuidadoso,
 De brancos malinquieres a toucava:

Seguro-te, meu Braz, que tão gostoso
 Num puro agrado hum peito se interessa,
 Que me julgava fer o mais ditozo:

Porém, faltou ás juras tão depressa;
 Que creio (e não me engano) que em Pastoras
 Dura mais huma flor, que huma promessa:

Nestas consideraçõens consumo as horas;
 Atraveslo no dia mil caminhos;
 Cuidando que acho á dôr milhoras:

Qual Ave, que roubando-lhe os filhinhos
 As ociozas mãos da pouca fidade,
 Anda como queixando-se aos raminhos:

Vai se outra vez ao ninho com faudade,
 Vê revolvido o feno; e torna fóra,
 Como quem não dá credito á verdade:

Assim me traz o amor de tal Pastora;
 A mim, e ainda a todos, parecendo-me
 Impossivel chegar-me a ser traidora:

E estas são as causas porque entendo,
 Que remedio o meu mal uunca teria;
 Inda que fosse seculos vivendo:

Mas

Mas ai, que já de longe parecia
Que o coração presagio verdadeiro,
Tanta dezaventura me dizia:

Ai Pastores, que assim que o meu rafeiro;
(Sendo a fazer-me festa acostumado
Com maior mansidão que a de hum Cordeiro:

Vi, que huma vez saindo de entre o Gado,
Ladrando me avençou tão fortemente,
Como seu fóra o Lobo atraillado:

Que por me defender de hum tal repente,
Inda d'elle cajado, na dureza
Vereis as molhas do raivozodente:

Sobre mim cahio logo tal tristeza,
Tal desgosto da vida, tal receio
De algum futuro acazo de estranheza:

Que mil vezes confuzo neste enleio;
Valha-me Deos! (Queixando-me, dizia)
Que sorte escura, que succéslo feio:

Terá de acontecer-me qualquer dia
Mas cumpra-se o destino da ventura,
Que não póde durar sempre a alegria:

Caia a Choupana, affogue a sementeira;
A malfetora chéa, e o meu rebanho;
Se ache morto de ronha na espessura:

E mal logrando o tempo o pobre amanhã
 (Que assim não pouca a sorte me castiga)
 Vá mendigar sustento a Monte estranho:

As Cabras, pastem só asperas ortigas;
 E quando não destrua ao tempo a chéa,
 Nasça hum abrolho no lugar da espiga:

Não veja para sempre a minha Aldéa;
 Farte-se o destino, mas com tanto,
 Que se não mude nunca a minha Altéa:

Cumprio-se, finalmente, este quebranto;
 Nem podia nascer daquelle agoiro,
 Menor desgraça, mais pequeno espanto!

Que mais podia ser, que o meu desdoiro?
 Nem sei, bebendo tão mortaes venenos,
 Como não tenho dado já hum estoiro!

Os outros males; como são pequenos,
 Nenhum me aconteceu; porque a ventura
 Vio, que todo esse mais ainda era menos:

Mas em que estou detendo a conjetura?
 Deenganado estou de que algum dia
 Veja fereno o rosto da ventura:

Nem tem remedio, em fim, minha agonia;
 Que adonde se perdeu huma esperança,
 Ninguem lá vá buscar huma alegria:

Aconselha-me em vão ; em vão se cança
 Quem busca consolar-me , se pertende
 Riscar-me tanta magoa da lembrança ,
 Que o segredo de amor ninguem o entende.

Braz. Ai Agrario infeliz ; milhor me fóra
 Não ir desgraças tuas já sabendo ;
 Pois de ouvir qualquer dellas , ainda agora
 Me está cá dentro o coração doendo :

Que desmanchos não faz hum Mosso louco ,
 E depois quantas vezes os despreza ?
 Eu tambem fui rapaz , lia o meu pouco ;
 E souber o que era amor (do que me peza) :

Hoje destes trabalhos já não finto ;
 Bulcando á vida algum honrado esteio ;
 Só me affusta que o anno vá faminto ;
 Que mate o Gado , que não dê senteio :

Debaixo de algum Alamo sombrio
 Alegre passo os dias de bonança ;
 Oigo as Aves cantar , correr o Rio ;
 Sem me affligir nos longes da esperança :

Outros só faço porque o Sol me saquete ,
 Gastando alguns em concertar o arado ;
 E se me afflijo ás vezes , he sómente
 De não ver-me ha mais tempo neste estado :

A ingratição, o ciúme, a despedida;
 Bem que meus annos já não corresponde;
 Cuidado me não dá; e nesta vida,
 Bem me dá a mim não ser Fidalgo, ou Conde:

Pois ir gastando os annos, dezatento,
 No negregado amor, que em hum só dia,
 Troca em longos espaços de tromento
 O mais pequeno instante de alegria:

He coiza tão pezada em me fundo
 Para temer que a todos aconteça,
 Que não haverá homem neste Mundo,
 Que inda que amores sinta, o não conheça:

Naõ são fabulas não; não são enganos;
 Estas que julgareis impertinencias;
 Puras verdades são, com que os meus annos
 Eu cheo amor de longas experiencias:

Qual sem ver hum grande ribanceira;
 Correndo para ella descuidado;
 Outro dálém lhe brada na carreira,
 Dizendo-lhe que vai precipitado:

Affim eu, que vejo em tal loucura,
 Caminhar cego a pôz o teu perigo;
 Te avizo da maldita desventura,
 Que amor em seus effeitos traz consigo:

Vamos todos, Agrario, para Aldêa;
 Tem dó do pobre Gado que anda estranho;
 Pois das offensas que tè fez Altêa,
 Em nada foi culpado o teu rebanho:

E eu que já nõ andar sou vagarozo;
 Por esta encosta irei sair á estrada;
 Que o Monte he por aqui menos fragozo;
 (*A' velhice cruel, vida cançada!*)

Anfrizo. Queira Deos, que a estas horas lá na Serra
 Os Cabritos não estejaõ dezimados;
 Pois anda chêa toda a nossa terra
 De Zorra; e de Lobos esfaimados:

Ante-ontem vinha eu lá do Ribeirão,
 Quando vejo no meio bem da estrada,
 Huma formosa pelle de hum Carneiro,
 Ainda muito bem ensanguentada:

Os Roupeiros se queixaõ geralmente
 Das cabeças que faltaõ na manada,
 E de que os maioraes injustamente,
 Lhes descontem as Rezes na soldada:

Mas eu de boamente arriscaria
 As melhores que traz o meu rebanho,
 Se a treco deste mal (*que hum bem seria*)
 Te podêra livrar de hum mal tamanho:

Naõ digo que não ames, só te digo
 Que nem sempre he amor dezesperado;
 Se he acazo, vencello, e se he castigo;
 Deve hum homem sentillo conformado:

Braz, por conta da sua muita idade;
 Custa-lhe andar de noite por máo passo;
 Em mim não fallo já, que a mocidade
 Para tudo me dá dezembaraço:

Elle já vai descendo, vamos hora;
 Esperará o que chegar primeiro;
 Já não permite a noite haver demora;
 Toma o cajado, em fim, chama o rafeiro.

Agrario. Naõ valem para mim razoes estranhas,
 Que eu de todo a morrer estou desposto,
 Na muda solidão destas montanhas:

Trago o animo, em fim, já descomposto;
 Quem não tem mais allivio que o tormento,
 Não quer mais companheiro que o desgosto:

Deixa-me, amigos, só; mudai de intento;
 Peço-vos por aquella affeição nosla,
 Que nem mais eu vos venha ao pensamento:

Cá vos fica o Curral, os Bois, a Chossa;
 Colmeias, Olival, Rebânho, e Vinha;
 Cá delponde da Seára como vossa:

Coiza não tenho já que seja minha ;
Depois que me deixou essa Pastora ,
Pois com ella perdi tudo o que tinha :

Perdi as esperanças da milhora ,
Só resta vir a morte ; e ao que suporto
Eu não Posso viver muito já agora :

Até falta ao espirito o conforto ;
E estou do fim da vida já tão perto ,
Que não sei se vos digo isto já morto :

Porém , se algum de vós , neste deserto ,
Meu corpo achar já solitario , e frio ;
Não o deixes ao menos descoberto :

E junto do Acipreste mais sombrio ,
Que nas margens do Téjo se levante ;
Hum sepulcro lhe abri , tosco , mas pio ;

De azares o cercai no mesmo instante ;
E alli no tronco funebre gravado ,
Este avizo deixai ao caminhante ,

M I E

SONETO.

SONETO.

SE encontrares Altéa, por ventura;
 Altéa, ella Pastora dezabrida;
 Nunca da minha queixa, enternecida;
 Mais que o Tigre cruel, que a Penha dura:

Dize-lhe toda aquella desventura,
 Por seu amor sómente padecida;
 Que, em fim, perdeu por ella Agrario a vida;
 Por final que lhe viste a Sepultura:

Neste avizo que faço derradeiro,
 Em paga do trabalho que se segue,
 Levarás este exemplo verdadeiro:

E porque a teu cuidado mais se entregue,
 Depois de ler taõ funebre letreiro,
 Cheio de confuzão, chora, e profegue.

F I M.